



SEÇÃO: ARTIGOS LIVRES

Filipenses 2,5-11: Repensando a apologética cristã para o século XXI a partir da *imitatio Christi*

Philippians 2:5-11: Rethinking Christian Apologetics for the 21st Century Based on imitatio Christi

Filipenses 2:5-11: Repensar la apologética cristiana para el siglo XXI basada en Imitation Christi

Waldecir Gonzaga¹

orcid.org/0000-0001-5929-382X
waldecir@hotmail.com

Marcelo Dantas da Silva Júnior²

orcid.org/0009-0001-0887-5421
dantasteologizando@gmail.com

Recebido em: 28 maio. 2023.

Aprovado em: 04 jun. 2023

Publicado em: 27 out. 2023.

Resumo: Não há dúvidas de que ao cristão foi outorgado o dever de apresentar ao mundo o porquê de o cristianismo ser a Revelação de Deus. Entretanto, nos últimos anos, na tentativa de estabelecer um discurso narrativo consubstanciado, a apologética cristã parece ter ficado presa dentro de estruturas argumentativas extremamente racionalistas. Se, por um lado, esse esforço trouxe alguns bons resultados, por outro lado, ao ignorar a potência de outras possibilidades argumentativas, este tipo de apologética acabou também gerando certa resistência entre as pessoas não cristãs. A fim de alcançar a todos, neste texto apresentamos uma "nova" proposta para a defesa da fé cristã no espaço público. A partir do texto de Fl 2,5-11 são retirados princípios existenciais ancorados no ensino da *imitatio Christi* para uma apologética mais encarnacional dentro do espaço-tempo. Acreditamos que o hino cristológico forneça substrato consistente para uma defesa da fé muito mais rica e orgânica, tendo uma maior semelhança com a vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Palavras-chave: Filipenses; *Imitatio Christi*; Apologética; Exegese; Teologia Bíblica.

Abstract: There is no doubt that to the Christian was given the task to show the world why Christianity is the Revelation of God. However, in recent years, in an attempt to establish a consubstantiated narrative discourse, Christian apologetics seems to have become trapped within extremely rationalist argumentative structures. If, on the one hand, this effort brought some good results; on the other hand, by ignoring the power of other argumentative possibilities, this type of apologetics also ended up generating some resistance among non-Christian people. In order to reach everyone, in this paper we present a "new" proposal for the defense of the Christian faith in the public space. From the text of Ph 2,5-11, existential principles anchored in the teaching of *imitatio Christi* are taken for a more incarnational apologetic within space-time. We believe that the christological hymn provides a consistent substrate for a much richer and more organic defense of the faith, bearing a greater resemblance to the life, death and resurrection of Jesus Christ.

Keywords: Philippians; *Imitatio Christi*; Apologetics; Exegesis; Biblical Theology.

Resumen: No cabe duda que al cristiano se le ha encomendado el deber de presentar al mundo por qué el cristianismo es la Revelación de Dios. Sin embargo, en los últimos años, en un intento por establecer un discurso narrativo consustanciado, la apologética cristiana parece haber quedado atrapada dentro de estructuras argumentativas extremadamente racionalistas. Si, por un lado, este esfuerzo trajo buenos resultados; por otro lado, al ignorar el poder de otras posibilidades argumentativas, este tipo de apologéticas también terminaron generando cierta resistencia entre las personas no cristianas. Para llegar a todos,



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

² Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo, RS, Brasil.

en este texto presentamos una "nueva" propuesta para la defensa de la fe cristiana en el espacio público. Del texto de Flp 2,5-11, los principios existenciales anclados en la enseñanza de la *imitatio Christi* son tomados por una apologética más encarnacional dentro del espacio-tiempo. Creemos que el himno cristológico proporciona un sustrato coherente para una defensa de la fe mucho más rica y orgánica, teniendo mayor semejanza con la vida, muerte y resurrección de Jesucristo.

Palabras clave: Filipenses; *Imitation Christi*; Apologética; Exégesis; Teología Bíblica.

Introdução

A apologética, palavra que vem do grego "ἀπολογία/apologia" ("defesa"), é a área da teologia na qual há o desidério de aduzir dentro do pensamento teórico uma explicação para as proposições, neste caso, do cristianismo. Nas últimas décadas do século XX, essa área se desenvolveu consideravelmente pois, ao invés de evocar o fideísmo como forma de responder aos difíceis questionamentos que circundam a existência humana e sua atuação na Terra, os *apologetas* procuraram formar um núcleo cultural no qual a propagação do Evangelho pudesse ser feita, ouvida e crida de forma racional, para que, assim, além de evangelizar os incrédulos, houvesse o fortalecimento das crenças praticadas por parte dos fiéis (CRAIG, 2012).

Nesse horizonte, filósofos cristãos como Plantinga (2017, 2018) e Craig² (2012) têm atuado dentro do meio acadêmico, produzindo conteúdos relevantes nos periódicos acadêmicos (além de vários capítulos e livros de referência), nas plataformas digitais, em debates televisivos e radiofônicos – normalmente contra ateus renomados ou não, para reafirmar a existência de Deus. Entretanto, ao agirem assim, não perceberam que o caminho do diálogo (e não o do embate ou confronto) teria sido mais proveitoso. Em paralelo, nas ciências naturais e biológicas, McGrath (2016, 2017, 2020), Collins³ (2006) e Lennox (2016, 2021) são alguns

dos cientistas na atualidade a realizar um trabalho louvável para demonstrar como a natureza e o universo apontam para um criador supremo.

É inegável que houve contribuição para a causa teísta, em especial para o cristianismo, através dos *apologetas* que atuam na filosofia e nas ciências naturais e biológicas. Entretanto, essa contribuição racional parece não ter sido tão eficiente quanto poderia ser. Nos Estados Unidos da América, por exemplo, um estudo realizado pelo cientista político Burge (2019), em 2019, apontou um crescimento substancial do número de ateus na última década. Segundo a pesquisa *Growth and Decline in American Religion over the Last Decade* (BURGE, 2019), o percentual dos que se declaram crentes está estabilizado, enquanto o de ateus cresceu mais de 7%. No Brasil, o fenômeno também é parecido. No último censo, cerca de 8% das pessoas se identificaram como "sem religião" (IBGE, 2010). Dessa forma, é importante pensar uma nova estratégia para transmitir a cosmovisão teísta, a exemplo da fé cristã, de maneira que o número de crentes volte a aumentar. Para isso, este trabalho volta-se para o ensinamento do apóstolo Paulo no "hino cristológico", contido na carta aos Filipenses, uma carta autenticamente paulina (GONZAGA, 2017), em especial aos ensinamentos propostos entre os vv.5-8, a fim de encontrar alguns princípios basilares para uma apologética ancorada não apenas no intelecto, mas na disposição existencial de Cristo Jesus.

Análise Exegética de Fl 2,5-11

A segmentação, a tradução e algumas notas de crítica textual referentes à pericope Fl 2,5-11 revelam a beleza e a unidade temática deste texto paulino. Todo o vocabulário empregado para sua construção aponta para a vida, obra, morte e ressurreição de Cristo Jesus, o "Κύριος/Senhor". A partir do hino cristológico, Paulo ilustra a disposição da segunda pessoa da Trindade em não buscar o seu próprio interesse, mas antes obedecer fielmente ao plano estabelecido pelo Pai (Fl 2,8). Paulo procura no exemplo de Cristo pontos de contato para que os cristãos localizados em Filipos possam anelar a mesma disposição que

² Craig ganhou popularidade mundial ao debater a existência de Deus com renomados ateus do mundo acadêmico, como Sam Harris (UNIVERSITY OF NOTRE DAME, 2011) e Christopher Hitchens (BIOLA UNIVERSITY, 2009).

³ Collins foi um dos responsáveis pelo Projeto Genoma Humano (PGH), que sequenciou as bases nitrogenadas do genoma humano. Ele tem atuado promovendo a viabilidade da fé cristã em meio aos avanços científicos. Ver Collins (2006) e Collins e Giberson (2011).

Nele houve. O texto está repleto de pilares que demonstram tanto a dimensão vertical quanto a dimensão horizontal da relação de Jesus com o Pai e com os seres humanos.

O próprio exercício para se segmentar, traduzir o texto bíblico e elaborar as notas de crítica textual ajuda na análise dos verbos e de seus movimentos e nuances, nos campos semânticos e nos elementos retóricos, na estrutura e em sua compreensão bíblico-teológico-pastoral.

Segmentação e Tradução do texto de Fl 2,5-11

Segmentar um texto e traduzi-lo é algo deveras importante para uma compreensão acurada da-

quilo que o autor tentou dizer aos destinatários e quer dizer a nós, hoje. A tradução revela uma beleza ímpar que está presente na perícopé paulina de Fl 2,5-11. Para se realizar tal tarefa, é importante e necessário levar em consideração os múltiplos sentidos que cada vocábulo pode ter, tanto na língua de saída (neste caso, o grego) como na de chegada (aqui, o português). Essa não é uma tarefa tão fácil, visto que muitas vezes há palavras e frases que são quase que intraduzíveis, como as expressões idiomáticas de cada língua. Nos ombros do tradutor está a responsabilidade de escolher a palavra em sua língua de chegada que mais se acomoda ao contexto da perícopé a fim de que seja mantida a coerência interna e

o sentido original da língua de saída.

Quadro 1 – Imitatio Christi

Τοῦτο φρονεῖτε ἐν ὑμῖν	v.5a	Isto tende em mente entre vós
ὁ καὶ ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ:	v.5b	o que também há em Cristo Jesus
ὃς ἐν μορφῇ Θεοῦ ὑπάρχων	v.6a	o qual, existindo em forma de Deus,
οὐχ ἀρπαγμὸν ἠγήσατο	v.6b	não considerou apegar-se ciosamente
τὸ εἶναι ἴσα Θεῷ	v.6c	o ser igual a Deus.
ἀλλ' ἑαυτὸν ἐκένωσεν,	v.7a	Mas a si mesmo se esvaziou,
μορφὴν δούλου λαβών,	v.7b	tomando forma de escravo,
ἐν ὁμοιώματι ἀνθρώπων γενόμενος.	v.7c	tornando-se em semelhança de homens,
καὶ σχήματι εὐρεθείς ὡς ἄνθρωπος,	v.7d	e encontrado em modo de homem
ἐταπείνωσεν ἑαυτὸν,	v.8a	humilhou-se a si mesmo.
γενόμενος ὑπήκοος μέχρι θανάτου, θανάτου δὲ σταυροῦ.	v.8b	tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz.
διὸ καὶ ὁ Θεὸς αὐτὸν ὑπερύψωσεν,	v.9a	Por isso também Deus o hipereixaltou.
καὶ ἐχαρίσατο αὐτῷ τὸ ὄνομα τὸ ὑπὲρ πᾶν ὄνομα,	v.9b	e concedeu-lhe o nome acima de todo nome,
ἵνα ἐν τῷ ὀνόματι Ἰησοῦ πᾶν γόνυ κάμψῃ, ἐπουρανίων καὶ ἐπιγείων καὶ καταχθονίων,	v.10a	para que no nome de Jesus todo joelho se dobre , de (seres) celestiais, de terrestres e de debaixo da terra
καὶ πᾶσα γλῶσσα ἐξομολογήσεται	v.11a	e toda língua confesse
ὅτι κύριος Ἰησοῦς Χριστὸς	v.11b	que Jesus Cristo é o Senhor
εἰς δόξαν Θεοῦ Πατρὸς.	v.11c	para a glória de Deus Pai

Critica textual e análise do aparato crítico

v.5 – Os manuscritos \mathfrak{P}^{46} \mathfrak{N}^2 D F G K L P 075. 0278. 104. 365. 630. 1175. 1505. 1739. 1881. \mathfrak{M} lat sy^h, após o pronome demonstrativo "τοῦτο/isto", trazem a conjunção "γαρ/pois isto", utilizada para explicar uma causa. Embora o \mathfrak{P}^{46} seja um dos manuscritos mais antigos e, concomitantemente, mais próximo do texto original (SILVA, C., 2022), e as demais testemunhas sejam boas, porém, o Comitê central da NA28 (ALAND; NESTLE, 2012), para tomar a decisão em não incluir a conjunção apoia-se em manuscritos de maior peso para o caso, como os códices \mathfrak{N}^* A B C Ψ 33. 81. 1241. 2464. 2495 t vg^{mss} co; Or Aug. Aqui é preciso ter presente que o manuscritos que sustentam a não inclusão da conjunção γαρ são tidos de maior grandeza para as cartas paulinas, como é o caso da carta aos Filipenses, conforme se encontra na *Introdução* de NA28 (ALAND; NESTLE, 2012), em seu tópico "Testemunhas citadas de forma consistente e com frequência nas cartas paulinas", que traz os papiros, os unciais, os minúsculos, os lecionários e as famílias de minúsculos que são de maior relevância para a cartas paulinas, os quais devem ser "pesados" em seu valor e antiguidade, e não contados em sua somatória numérica (GONZAGA, 2015, p. 222). Além disso, é precioso estar atento, especialmente, quando se encontra com um *manuscrito* como o códice *Vaticano* (B), considerado de longe "o mais significativo dos unciais" e como sendo "aquele que tem o menor número de erros escribais" (ALAND; ALAND, 2013, p. 116-117; PAROSCHI, 2014, p. 51-52), sobretudo se este vem acompanhado dos códices *Sinaitico* (\mathfrak{N}) e *Alexandrino* (A), entre os mais importantes e antigos orientais. Diante do peso dos manuscritos, opta-se por seguir a variante sustentada pelo Comitê central da NA28 (ALAND; NESTLE, 2012) como sendo o mais provável de ser a leitura original para o texto do NT, não incluindo a conjunção γαρ após o pronome demonstrativo οὔτο. Também ocorre a substituição do termo "φρονεῖτε/ *tende em mente*" por "φρονεῖσθω/ *disposição para si*", nos manuscritos C² K L P Ψ 075. 0278. 104. 365. 630. 1241. 1505. 2464 \mathfrak{M} ; Or. Os manuscritos que

sustentam a variante φρονεῖτ são: \mathfrak{P}^{46} , \mathfrak{N} A B C^{*} D F G 33. 81. 1175. 1739. 1881 latt sy. Pelo mesmo raciocínio, também aqui opta-se por concordar com o Comitê central da NA28 (ALAND; NESTLE, 2012) em preservar a variante φρονεῖτε como sendo a mais provável de ser a leitura original.

v.7 – neste versículo há uma substituição do genitivo plural, "ἀνθρώπων/*de homens*", pelo genitivo singular, "ἀνθρώπου/*de homem*", em algumas poucas testemunhas: \mathfrak{P}^{46} vg^{mss}; Mcion^T Cyp. Embora a opção pelo genitivo singular seja sustentada por tradições bem antigas, como a Alexandrina (\mathfrak{P}^{46}) e o cânon de Marcião (Mcion^T), todas as outras testemunhas, inclusive os códices mais importantes (ver a análise do v.5), apontam para o uso do genitivo plural. A evidência externa favorece o sentido adotado pelo Comitê central da NA28 (ALAND; NESTLE, 2012) em preservar a variante "ἀνθρώπων/*de homens*".

v.9 – o artigo "τὸ/ο" é omitido antes do substantivo "νομα/*nome*" ("τὸ ὄνομα/*o nome*"), nos seguintes manuscritos: D F G K L P Ψ 075. 0278. 81. 104. 365. 630. 1175^c. 1241. 1505. 1881. 2464 ; Cl^{exThd}. O fato de a omissão ser encontrada em um escrito antigo de Clemente, no qual há o relato de que Theodoto teria retirado o artigo τὸ (Cl^{exThd} - Excerpta ex Theodoto), leva alguns pesquisadores a questionar a presença do artigo no texto original (OMANSON, 2011). Entretanto, seguindo os critérios descritos no v.5, pode-se observar que os códices e manuscritos mais antigos e relevantes, como \mathfrak{P}^{46} , \mathfrak{N} , A, B, C, 33. 629. 1175^{*} 1139 apontam para a sua presença. Desta forma, opta-se pela sua manutenção, seguindo a opção tomada pelo Comitê central da NA28 (ALAND; NESTLE, 2012).

v.11 – nos manuscritos A C D F G K L P Ψ ^{vid} 075. 0278. 6. 33. 81. 104. 365. 630^{*}. 1175. 1241. 1505. 1739. 1881. 2464 pm; Ir^{vl} ocorre a substituição de "ἐξομολογήσεται/*confesse*" pela variante "ἐξομολογῆσεται/*confesse para si*". Entretanto, a leitura de ἐξομολογήσεται é apoiada pelos manuscritos \mathfrak{P}^{46} , \mathfrak{N} , B F^c 323. 630^c 2495 pm; Ir Cl^{exThd} Cl, opção esta tomada pelo Comitê central da NA28 (ALAND; NESTLE, 2012), com a qual concordamos. Por fim, ainda no v.11, a expressão "κύριος Ἰησοῦς

Χριστός/*Jesus Cristo é o Senhor*” é substituída pela expressão “κύριος Χριστός/*Cristo é o Senhor*” nos manuscritos A^c F G 1505* b g vgms sa^{ms}; Or^{lat} ^{pt}; no manuscrito K, aparece “κύριος Ἰησοῦς/*Jesus é o Senhor*”. Tendo presentes os critérios da crítica externa, sem precisar entrar nos critérios da crítica externa, opta-se a favor da expressão completa, e concorda-se com a opção tomada pelo Comitê central da NA28 (ALAND; NESTLE, 2012), em assumir como possível leitura mais antiga a expressão “κύριος Ἰησοῦς Χριστός/*Jesus Cristo é o Senhor*”.

Um ponto importante no corpo do hino cristológico é o fato de haver uma citação do AT, de Is 45,23, a partir da LXX (ALMEIDA FILHO; GONZAGA, 2020a), como é comum para o inteiro NT, que recorre mais ao uso do AT partir da LXX que de

um texto hebraico. Neste hino, a citação do AT encontra-se em Fl 2,10-11, como pode ser visto na tabela a seguir, em forma *sinótica, bicolunada*, com textos na língua original e tradução. Aliás, segundo Moisés Silva (2014, p. 1037), para a cristologia paulina, a citação a Isaías é bem relevante:

A passagem de Isaías como um todo (45,18-25) constitui uma das mais poderosas confirmações no AT da supremacia do Deus de Israel, [...]. Embora não seja uma citação textual [...], a utilização de Isaías é bastante significativa em razão de suas profundas implicações para a concepção paulina de Cristo. Se Paulo compôs ou não o Hino de Cristo, o fato é que ele expressa de forma cristalina a convicção do apóstolo de que a adoração a Jesus Cristo não compromete a fé monoteísta de Israel. Pelo contrário, Jesus Cristo, o justo Salvador, ostenta o nome do único Senhor, Yahweh, “para a glória de Deus Pai”.

Quadro 2 – O Senhorio de Cristo e a glória do Pai

κατ' ἑμαυτοῦ ὁμνῶ ἢ μὴν ἐξελεύσεται ἐκ τοῦ στόματός μου δικαιοσύνη οἱ λόγοι μου οὐκ ἀποστραφήσονται ὅτι ἔμοι κάμψει πᾶν γόνου καὶ ἐξομολογήσεται πᾶσα γλῶσσα τῷ θεῷ	Juro por mim mesmo: em verdade, sairá de minha boca justiça, minhas palavras não se voltarão atrás, pois todo joelho se dobrará diante de mim e toda língua confessará a Deus	ἵνα ἐν τῷ ὀνόματι Ἰησοῦ πᾶν γόνου κάμψη, ἐπουρανίων καὶ ἐπιγείων καὶ καταχθονίων, καὶ πᾶσα γλῶσσα ἐξομολογήσεται ὅτι κύριος Ἰησοῦς Χριστός εἰς δόξαν θεοῦ πατρός.	para que no nome de Jesus todo joelho se dobrará, de (seres) celestiais, de terrestres e de debaixo da terra e toda língua confessará que Jesus Cristo é o Senhor para a glória de Deus Pai
---	--	---	---

Fonte: Elaborado e traduzido pelos autores (2023), com base no texto de Hanhart e Rahlfs (2006) e de Aland e Nestle (2012).

Contexto da carta

A carta aos Filipenses situa-se dentro do bloco conhecido tradicionalmente como “epístolas da prisão”, das quais também fazem parte Efésios, Colossenses e Filemon. O ano e o local de composição do texto têm sido alvos de divergências entre os especialistas. Há três possibilidades: (1) A visão tradicional, apoiada pela tradição, situa a redação do texto em Roma em algum momento entre 58 e 60 d.C., quando o apóstolo Paulo encontrava-se em sua primeira prisão romana (KELLUM; KÖSTENBERGER; QUARLES, 2022); (2) por conta de algumas dificuldades, como, por

exemplo, a realização de viagem da parte de quem fosse anunciar aos filipenses a prisão de Paulo (CARSON; MOO; MORRIS, 1997), a possibilidade de o texto ter sido composto em Cesareia, entre 55 e 60 d.C., foi levantada por alguns estudiosos (KELLUM; KÖSTENBERGER; QUARLES, 2022); (3) entretanto, a ausência de evidências que comprovem uma grande igreja localizada em Cesareia e sua distância de Filipos, fizeram com que outros pesquisadores apresentassem uma nova alternativa: Éfeso. A cidade situada a cerca de 160 quilômetros de Filipos teria uma distância física aceitável, e facilitaria a realiza-

ção das viagens descritas na própria carta aos Filipenses (CARSON; MOO; MORRIS, 1997). Por conseguinte, a datação do escrito estaria entre 51 e 57 d.C. (KELLUM; KÖSTENBERGER; QUARLES, 2022). Ou seja, não há um denominador comum. Entretanto, parece plausível compreender a redação do escrito paulino em algum momento na segunda metade da década de 50 d.C. e antes de 60 d.C., ou seja, entre os anos 50 e 60 d.C., ainda que não seja possível afirmar com precisão onde isso de fato ocorreu.

Filipos foi fundada duas vezes como colônia romana. Primeiro, com o imperador Augusto e Marco Antônio, em 42 a.C., quando derrotaram Bruto e Cássio no final da república romana; depois, após a derrota de Marco Antônio e Cleópatra, em 31 a.C., como colônia *Iulia Augusta Philippensis* (Júlia Augusta Filipenses) (HOLLOWAY, 2017). Localizada na Macedônia, Filipos era uma cidade próspera e estável, comumente habitada por soldados aposentados (BLOMBERG, 2019). Com uma população de 10.000 habitantes, alguns especialistas chamam-na de "pequena Roma", uma vez que, embora refletisse a cultura helenista, tinha os conceitos e práticas políticas tipicamente romanos – *romanitas* (HOLLOWAY, 2017).

Situada na Via Inácia, uma importante "estrada" que atravessava o norte da Grécia de leste a oeste, Filipos recebia muitos viajantes de fora da cidade, que se hospedavam ali, ficavam sabendo das notícias locais e traziam relatos do que acontecia em outras partes do império (BLOMBERG, 2019, p. 433).

Esse fato pode explicar o motivo pelo qual Paulo fez questão de passar pela região durante sua segunda viagem missionária (At 16,12-40). Em outras palavras, Filipos era uma cidade estratégica para a disseminação do Evangelho de Cristo.

Em relação à integralidade do texto, existem algumas observações que são feitas. Alguns defendem que Paulo redigiu os quatro capítulos de uma só vez e os enviou integralmente à Igreja (CARSON; MOO; MORRIS, 1997; KELLUM; KÖSTENBERGER; QUARLES, 2022). Entretanto, a maioria dos estudiosos tem se posicionado a favor de uma compilação posterior de escritos paulinos por um redator (HAWTHORNE; MARTIN,

2015). É possível apontar alguns argumentos para essa posição: (1) o tom do capítulo três é incompatível com o restante da carta (SILVA, M., 2005); (2) o fato de Paulo esperar até o final da carta, no capítulo quatro, para agradecer aos filipenses pelas ofertas enviadas (SILVA, M., 2005); (3) a Igreja em Filipos era extremamente querida por Paulo, é difícil imaginar que o apóstolo tenha escrito apenas uma única carta para eles (HAWTHORNE; MARTIN, 2015); (4) em Fl 2,25-30, Epafrodito está muito doente, mas em Fl 4,18, Paulo não menciona a enfermidade. Assim, é possível inferir uma mudança no estado de saúde de Epafrodito, o que pressupõe um avanço temporal (KELLUM; KÖSTENBERGER; QUARLES, 2022). Assim, como Hawthorne e Martin (2015) explicam, é provável que a carta aos Filipenses seja uma união de duas ou três cartas. Para a primeira alternativa, teríamos uma carta A, estruturada da seguinte forma: 1,1-3,1a; 4,2-7,10-23; e uma carta B: 3,1b-4,1,8-9. Na segunda alternativa, a carta A seria: 4,10-20 (ou 4,10-23); a carta B seria: 1,1-3,1a, 4,2-7,21-23, e a carta C seria: 3,1b-4,1,8-9 (HAWTHORNE; MARTIN, 2015).

A análise literária também não contempla unanimidade de opiniões. Alguns estudiosos, como Fee, identificam a epístola como uma "carta da amizade" (FEE, 2004, p. 39). Entretanto, a proposta parece não contemplar a funcionalidade e aplicabilidade de Fl 3,1-4,9 e 4,10-20 dentro do escrito paulino (KELLUM; KÖSTENBERGER; QUARLES, 2022). Assim, parece ser mais plausível a proposta daqueles que entendem se tratar de uma "carta de consolação" (HAWTHORNE; MARTIN, 2015). Neste horizonte, é possível concentrar-se no objeto de estudo deste trabalho: retirar "princípios apologéticos" da mensagem do hino cristológico.

A mensagem contida no hino cristológico: ética ou soteriológica?

De forma basilar, é possível dividir o hino cristológico de Fl 2,5-11 em duas partes, entre humilhação e exaltação, realçando a beleza teológica de texto paulino, que traz a profissão de fé da Igreja Primitiva, a qual, conduzida pelo Espírito Santo, não teve dúvidas em afirmar de forma

solene que “κύριος Ἰησοῦς Χριστός / *Jesus Cristo é o Senhor*” (Fl 2,11b):

- a) A humilhação de Cristo (vv.5-8);
- b) A exaltação de Cristo (vv.9-11).

Dentro de toda a estrutura narrativa do hino cristológico, que vai desde antes da encarnação até a exaltação de Cristo, o v.5 foi comumente interpretado como uma diretriz comportamental para os cristãos. Durante o período da Patrística, por exemplo, Mario Vitorino, filósofo cristão do século IV d.C., enxergou no texto duas ordens diretas de Paulo para a comunidade cristã: “que eles deveriam se deleitar com a humildade, e, em seguida, deveriam pensar não apenas em seus próprios assuntos, mas sim nos dos outros também” (RODRIGUEZ, 2001, s.p.). João Crisóstomo, arcebispo de Constantinopla, no século IV d.C., em sua pregação sobre a perícopa, lembrou que “nosso Senhor Jesus Cristo, quando exortou seus discípulos a realizarem grandes obras” (RODRIGUEZ, 2001, s.p.), deu o exemplo a fim de que os seus sejam como ele. Assim, ainda que fraturas e separações tenham ocorrido dentro da Igreja – o Cisma do Oriente, em 1054, e a Reforma Protestante, em 1517 – uma das principais tônicas hermenêuticas da mensagem do hino cristológico, seja em qualquer vertente, foi de que este se tratava de um paradigma ético para os cristãos de todos os lugares e de todos os tempos (FOWL, 1990).

Foi a partir de 1950, com Kasemann (1968), que foi proposta uma nova ênfase para o texto. Para o teólogo alemão, Paulo não estaria preocupado em estabelecer um modelo ético-existencial para os cristãos, uma vez que ninguém conseguiria fazer absolutamente nada semelhante ao que Cristo fizera na realidade temporal, mas sim em enfatizar como o plano da salvação de Deus foi *imantizado* na figura de Jesus. Em outras palavras, Jesus é um arquétipo, não um modelo (KASEMANN, 1968). Desta forma, a abordagem de Kasemann (1968) vai na direção de uma interpretação escatológica e soteriológica para o hino cristológico. Cristo é o enviado de Deus que invade o espaço-tempo para prefigurar a salvação

ao ser humano. O foco está naquilo que foi feito por ele, e não em quem ele era.

Os argumentos aduzidos são interessantes, e ainda há teólogos que defendem essa linha atualmente (BIRD; GUPTA, 2020). Neste trabalho seria inviável escrutinar cada um dos elementos que sustentam essa linha interpretativa. Entretanto, pelo menos a afirmação mais consubstanciada precisa ser posta em análise: a impossibilidade de os seres humanos experimentarem uma *hiperexaltação* e uma honra análoga à que Jesus recebeu após a sua ressurreição (vv.9-11). De fato, é um ponto válido contra uma interpretação ética da passagem. Entretanto, uma vez observada a questão com cuidado, notam-se alguns problemas nessa construção teórica. Primeiramente, como lembra Strimple (1979), esses versículos estão conectados com o v.5 e funcionam como um recurso retórico no apelo do apóstolo Paulo aos Filipenses. Isso fica ainda mais perceptível quando se observa a argumentação paulina em outras cartas (por ex.: 2Cor 8,9 – “Com efeito, conheceis a generosidade de nosso Senhor Jesus Cristo, que por causa de vós se fez pobre, embora fosse rico, para vos enriquecer com a sua pobreza”).

Outro ponto ignorado por Kasemann (1968) é o fato de que em momento algum Paulo está sugerindo uma repetição comportamental aos Filipenses, mas sim um modo de enxergar a vida, uma cosmovisão, semelhante à de Cristo. Como destaca Fee (1992, p. 38, grifo nosso):

A questão não é “imitar” Cristo no sentido de repetir o que ele fez – esse raramente é o sentido de “imitação” no NT – mas ser como ele “na mente”. **Para Paulo, “imitatio” normalmente não significa “faça como eu fiz”, mas “seja como eu sou”.** No autoesvaziamento e no autoesacrifício de Jesus, que são significativos precisamente porque garantiram a redenção para nós, ele também exemplificou para nós abnegação e humildade adequadas. Aqui temos a expressão mais verdadeira do caráter do próprio Deus, que através de Cristo e do Espírito está tentando recriar no seu povo.

Engana-se quem entende o clamor de Paulo pela *imitação* como algo arraigado e fundamentado unicamente na própria capacidade humana. Pelo contrário, esse pedido está enraizado na

noção de que não é por um esforço hercúleo que a transformação ocorre, mas sim pela ação do Espírito de Deus, o qual age no interior do cristão, moldando-o a Cristo (2Cor 3,18). Como Hurtado (2012, p. 190) acertadamente afirma: "isso os capacita a incorporar a morte e a vida de Jesus em suas próprias vidas (2Cor 4,7-12)". É como se os filipenses estivessem sendo lembrados da necessidade de desejar ser como Cristo a fim de que a *imitação* saia do campo da potência e seja materializada na existência concreta de cada cristão e da comunidade toda.

Um terceiro ponto, embora seja óbvio que nenhum ser humano seja capaz de experimentar a *hiperexaltação jesuana*: não se pode esquecer o porquê de o "apóstolo e doutor das nações" (Rm 11,13; 1Tm 2,7) registrar o triunfo de Cristo. Há, aqui, deliberada e intencionalmente um paralelo entre a obediência a Deus e a vitória sobre a morte. Cristo, aquele que obedeceu a Deus até a morte, não foi esquecido na sepultura, mas ressuscitou, e se manteve firme em obediência porque sabia da consequência gloriosa que lhe estava reservada (BIRD; GUPTA, 2020). Paulo estaria, então, conclamando os filipenses a se manterem firmes em obediência a Deus, mesmo em situações adversas, lembrando-lhes que há uma grande recompensa: a vitória sobre a morte e o corpo glorificado (Fl 3,20-21) (KEOWN, 2021).

Dessa forma, alinhados com os comentaristas em geral, desde a Patrística até os tempos modernos, conclui-se que, sim, o hino cristológico é mais bem compreendido como contendo uma mensagem de cunho ético-existencial para os filipenses e para todos os crentes de todas as eras.

Princípios retirados da "humilhação de Cristo"

Se o apelo paulino é pela *imitação de Cristo*, pelo modo de pensar e agir de Cristo, quais implicações práticas podem ser tiradas do texto? A partir dos vv.6-8, destacamos seis pontos:

a) O *altruísmo* - "ζ ἐν μορφῇ Θεοῦ ὑπάρχων οὐχ ἄπραγμὸν ἡγήσατο τὸ εἶναι ἴσα Θεῶ/ο qual, *existindo em forma de Deus, não considerou apagar-se*

ciosamente o ser igual a Deus" (v.6). Mesmo na condição de Deus, Cristo escolhe voluntariamente não se ater ao seu estado original e decide pela encarnação. Como destaca Silva, "Cristo se recusou a agir egoisticamente" (SILVA, M., 2005). Sua condição divina (perfeita, plena, forte) não foi impedimento para que o Filho de Deus se tornasse um ser humano. Se, por um lado, alguns teólogos (DUNN, 1996; FEE, 1992) compreenderam equivocadamente o v.6 como uma oposição entre Adão e Jesus – ao invés da interpretação clássica da pré-existência de Jesus –, por outro, é visível a forte conexão que há com Gn 3 (SILVA, M., 2005). Adão, *egoisticamente*, preocupou-se consigo; Jesus, *altruisticamente*, preocupou-se com o ser humano. De igual forma, os filipenses precisavam ter introjetado dentro de seus corações o cuidado com o próximo, uma vez que a vida em comunidade está atrelada às relações interpessoais de seus membros. É o rico se importando com o pobre; é o estudado ajudando o não estudado; é o feliz consolando o que chora etc. Significa saber que, por mais que a sua condição individual seja favorável, isso não lhe dá o direito de ignorar o seu próximo. Pelo contrário, ao cristão cabe o dever de agir em favor do outro. Como afirmou Buber (1982, p. 65), é:

somente aquele que se volta para o outro homem enquanto tal e a ele se associa recebe neste outro o mundo. Somente o ser cuja alteridade, acolhida pelo meu ser, vive face a mim com toda densidade da existência é que me traz a irradiação da eternidade.

b) A *autodoação voluntária* – "mas a si mesmo se esvaziou" (v.7a). Em uma das discussões dos doze apóstolos, acerca de quem seria o maior no Reino de Deus, Jesus explicou-lhes que o "maior" seria aquele que fosse o "menor" entre eles (Mt 18,1-4). O ensinamento jesuano não é utópico ou fantasioso, pelo contrário, é uma fala alicerçada em sua própria história. Em outras palavras, a exigência de Cristo não foge à sua própria existência. Jesus, na encarnação, esvaziou-se completamente, faz-se pequeno, aceita ser o "menor" entre os menores, voluntaria-se para ter alterado seu estado original (de unicamente

divino para divino-humano), atitude esta que o Pai e Espírito não assumiram no plano da redenção. O ato sacrificial de Jesus revela a plenitude do amor de Deus. Como afirma O'Brien (1991, s.p., tradução nossa): "A igualdade divina significou autoadoção sacrificial. Assim, o hino revela não apenas como Jesus realmente é, mas também o que significa ser Deus". O'Brien (1991, s.p., tradução nossa) também enfatiza como a conjunção adversativa "ἀλλὰ/*mas/pelo contrário*" é vital na compreensão do esvaziamento:

ἀλλὰ ἑαυτὸν ἐένωσεν *Imas a si mesmo se esvaziou*. Na forma de contraste (observe a força da adversativa ἀλλά, "pelo contrário") para o caminho que poderia ter sido escolhido, Cristo "esvaziou a si mesmo". Esta é uma frase muito marcante que não tem paralelo convincente em toda a literatura grega. A posição enfática de ἑαυτὸν ("ele mesmo") e a forma do verbo (um aoristo ativo) sugere fortemente que este ato de "esvaziar" foi voluntário da parte do Cristo preexistente.

Os filipenses agora devem entender que o altruísmo com o outro (como visto no v.6) precisa acontecer a partir de uma visão de mundo sacrificial. Não basta apenas fazer o bem ao próximo, antes, a motivação por trás do ato é basilar. Se Cristo possui voluntariedade para a autoanulação em prol de um objetivo maior, concomitantemente é mister que os cristãos também sejam assim.

c) A "agência dupla" no mundo – "μορφὴν δούλου λαβὼν/*tomando forma de escravo*" (v.7b). De quem Cristo foi escravo? Essa pergunta produziu várias respostas ao longo dos tempos. De acordo com Gupta, destacam-se algumas: (1) alguns acadêmicos, como Joachim Jeremias, compreendem que Cristo foi escravo de YHWH, cumprindo, assim, a profecia do servo sofredor de Is 52,13-53,12 (GUPTA, 2010). (2) Outros, como Francis Beare, entenderam que Cristo se sujeitou às forças demoníacas ao assumir uma forma mortal. Essa ideia baseou-se na suposição de que Paulo descreveu em Gl 4,3 uma escravização dos seres mortais pelos "elementos espirituais" (GUPTA, 2010, p. 2). (3) Já uma outra parcela de estudiosos, como Joseph Lightfoot, enxergou uma perspectiva mais antropológica no v.7. Cristo, aquele que

era o mestre de todos, aceitou ser escravo por todos – serviu durante toda a sua vida terrena. Essa posição fundamenta-se em Mc 10,44-45, na qual Jesus ensina que aquele que quer ser o primeiro deve servir a todos (GUPTA, 2010). (4) Uma outra gama de acadêmicos entende na linguagem da escravidão um cunho mais político, no qual Jesus (durante a encarnação) abriu mão dos seus direitos e privilégios (GUPTA, 2010). (5) Por fim, há a posição aduzida pelo próprio Nijay Gupta, que é chamada de "dupla agência" (GUPTA, 2010, p. 4-5). Nesta, Cristo ficou sujeito às forças cosmológicas atuantes no mundo (ou seja, ao poder do pecado e da morte), mas, como um agente duplo da espionagem, nunca abandonou a sua fidelidade a Deus ou a sua posição divina como Filho de Deus.

Cristo escolheu entrar neste mundo "dominado pelo Pecado" para desafiar a Morte face a face e destruir o poder do Pecado (Rm 6,9-10). De fato, a participação na morte de Cristo capacita o crente, como C. Roetzel coloca, a se "transferir de um antigo *aeon* dominado pela decisão dos poderes do pecado e da morte para um novo *aeon* no qual ele ou ela participa na vida de Cristo e aguarda a ressurreição". Esta mudança escatológica também produz uma "transferência de domínio", por assim dizer, de modo que os crentes se tornam livres para servir ao seu verdadeiro mestre (Rm 6,22) (GUPTA, 2010, p. 7).

A proposta de Gupta (2010) é bem interessante e traz à baila o tema da dupla cidadania do cristão, iniciado pelo próprio Jesus. Ora, o Cristo encarnado, mesmo sendo Deus e não possuindo qualquer iniquidade, configurou-se preso à condição do mundo caído, debaixo da influência das estruturas pecaminosas que compõem a sociedade, e inexoravelmente submetido à realidade existencial de todos os seres humanos: a morte, tendo a mesma sorte dos profetas de Israel e não do Messias esperado e almejado. Entretanto, manteve-se cômico de que não possuía apenas uma natureza, mas sim duas: humana e divina. Era cidadão da terra, mas também do céu.

Ao pedir que os filipenses tivessem a mesma mente de Cristo, "τοῦτο φρονεῖτε ἐν ὑμῖν/*isto tende em mente entre vós*" (v.5a), Paulo o faz a partir de um paralelo entre a "dupla agência" de Cristo e

o seu próprio apostolado (Fl 1,29-30) (GUPTA, 2010, p. 12-13). Da mesma forma que Cristo nunca abandonou sua condição de Senhor da Glória, mas aceitou se submeter, como um escravo sujeito ao dono, aos poderes deste mundo por amor aos seres humanos, o "apóstolo e doutor das nações" (Rm 11,13; 1Tm 2,7), peregrino nesta terra, cidadão do céu, agarrou-se à certeza de que Jesus é o Messias de Deus, ainda que o Império Romano e os religiosos de sua época dissessem outra coisa e quisessem persegui-lo por isso. Por causa da Revelação, Paulo é capaz de olhar além de uma das naturezas de Jesus e ver as duas: a divina e a humana. Esse é o quadro epistemológico moldado aos filipenses pelo apóstolo. Seu objetivo é incentivá-los a permanecerem firmes na fé, mesmo quando forem submetidos a lutas e provas (GUPTA, 2010). O clamor paulino é para que vejam além desta realidade e não se esqueçam da sua "cidadania celeste". Assim como Cristo outrora, eles vivem no mundo e estão momentaneamente presos às estruturas pecaminosas que regem a sociedade, mas a vitória de Cristo na cruz inaugurou uma nova realidade e permitiu aos cristãos uma outra cidadania (Jo 15,15-20). Por isso, é preciso ter em mente que somos estrangeiros neste mundo (1Pd 1,1-9).

d) *A sua própria humanidade* – "ἐν ὁμοιώματι ἀνθρώπων γενόμενος καὶ σχήματι εὐρεθεὶς ὡς ἄνθρωπος/*tornando-se em semelhança de homens, e encontrado em modo de homem*" (v.7c-d). A palavra "semelhança" talvez seja a mais difícil de toda a frase (FEE, 2004). Uma exegese descuidada pode acabar por fundamentar a heresia conhecida como docetismo (MCGRATH, 2014). Como Hellerman (2015) observa com muita propriedade, na primeira parte da expressão (v.7c: "ἐν ὁμοιώματι ἀνθρώπων γενόμενος/*tornando-se em semelhança de homens*"), há uma ênfase paulina na natureza de Cristo, enquanto na segunda parte (v.7d: "καὶ σχήματι εὐρεθεὶς ὡς ἄνθρωπος/*e encontrado em modo de homem*") há uma descrição da aparência de Cristo. O que temos nesse arcabouço puramente filosófico é a afirmação de

que Cristo, na encarnação, realmente possuiu uma natureza humana, plenamente homem e "nascido de mulher" (Gl 4,4) (GONZAGA, 2019), e teve aparência de homem. Se, por um lado, houve uma identificação total conosco na encarnação, por outro lado, sua humanidade não retirou dele a divindade. Cristo continua sendo 100% Deus, mas agora também é 100% homem (FEE, 2004), nascido no seio do Pai, na eternidade, e no seio de Mãe, na temporalidade, sem que um se oponha ao outro; pelo contrário, de forma alguma o nascimento humano e temporal se opôs ao nascimento divino e fora do tempo. Mais ainda, "ambos os nascimentos são nele admiráveis, já que ele foi quer gerado pelo Pai antes dos séculos, sem mãe, quer gerado ao fim dos séculos pela mãe, sem pai" (DENZINGER; HUNERMANN, 2007, n. 536: 442, 504; 619, 681).

Aqui, temos a essência de uma teologia corpórea. Dentro das filosofias da época, muitas delas que desqualificavam (ou diminuían) a importância do corpo, como o gnosticismo e o platonismo, Paulo faz questão de afirmar que Deus se fez matéria através da pessoa de seu Filho, a fim de libertar os que estavam sujeitos à lei (Gl 4,4-5). A mensagem para os filipenses é clara: não somos seres espirituais presos em corpos terrenos, somos seres holísticos – corpo, mente e espírito, como defende Paulo, em 1Ts 5,23: "O Deus da paz vos conceda sanidade perfeita, e que o **vosso ser inteiro, o espírito, a alma e o corpo** sejam guardados de modo irrepreensível para o dia da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo". Não se pode fragmentar ou compartimentalizar a pessoa humana. O que Cristo fez na encarnação foi devolver o valor existencial para o corpo. Em outras palavras, ele não negou a si mesmo aspectos sensíveis da própria humanidade: sentiu fome (Mt 4,2), chorou (Jo 11,35), alegrou-se (Jo 2,1-11), sentiu cansaço (Jo 4,6-10), ficou triste (Mt 26,37) etc.; por fim, sofreu a morte, realidade tipicamente humana, pois ele "viveu em tudo a condição humana, menos o pecado" (Hb 4,15). Os filipenses são convidados por Paulo a olharem a sua própria humanidade de forma diferente, não como um estorvo cuja função é atrapalhar

a espiritualidade, mas sim como algo belo e concernente à própria existencialidade. O Filho do Homem viveu plenamente a sua humanidade, por que nós muitas vezes não queremos vivê-la?

e) *A Humildade* – “ἐταπεινώσεν ἑαυτὸν/humilhou-se a si mesmo” (v.8a). Se, por um lado, o fato de Cristo ser encontrado em estado humano traz valor ao corpo, por outro lado, a encarnação também pode ser vista como uma humilhação acintosa para Deus e vai contra todo o modo humano de pensar do século I d.C. – em que os seres humanos que deveriam se humilhar diante dos deuses e não o contrário (BIRD; GUPTA, 2020). Ao anexar a natureza humana à sua natureza divina, o criador adquiriu forma criatural e demonstrou o seu amor pela humanidade. Como descreve Agostinho (2017, p. 190-191):

Ainda não tratava meu Deus Jesus, de humilde para humilde, nem sabia que lição ministrava sua fraqueza. Com efeito, teu Verbo, eterna Verdade que está acima das partes superiores de tua criação, eleva até ela seus súditos, mas construiu para si, nas regiões inferiores, uma casa humilde com nossa argila, para rebaixar de si mesmos aqueles que deveria subjugar e trazê-los a si, sarando-lhes o tumor e nutrindo-os de amor, para que continuassem avançando na confiança em si mesmos, mas ao contrário se enfraquecessem ao ver a seus pés uma divindade enfraquecida por ter se assumido a túnica de nossa pele e, arrasados, se prosternassem diante dela, e ela, erguendo-se, os levantasse.

Em concomitância com o *autoesvaziamento*, a humilhação do Filho de Deus é também voluntária, ela não foi forçada pelo Pai ou pelo Espírito Santo, mas ele mesmo quis se entregar por nós. Como observado na própria construção gramatical do texto paulino:

[...] o verbo [ταπεινῶ/humilhar], usado com o pronome reflexivo ἑαυτὸν, significa “humilhar-se”, uma vez que o pronome indica que a ação foi livre e voluntária [...]. K. Barth, em particular, chama a atenção para a ação deliberada da auto-humilhação que foi pretendida, citando Kierkegaard: “Cristo se auto-humilhou – não, ele não foi humilhado” (O'BRIEN, 1991, s.p.).

É possível que essa fala do apóstolo tenha causado um choque entre os filipenses. Na cul-

tura romana de então, a humildade não era uma virtude ou tida como algo respeitoso, como é visto nos dias atuais. Pelo contrário, as pessoas tinham por costume humilhar os outros; e não o contrário, “auto-humilhar-se” (BIRD; GUPTA, 2020, p. 81).

Além disso, ao falar de humilhação, Paulo conecta o início da sua fala sobre o esvaziamento de Cristo, antes da encarnação, com a crucificação. Aqui, tem-se o passo final da degradação vertical de Jesus: da igualdade com Deus à vergonhosa experiência da crucificação (HELLERMAN, 2015). Aliás, ele mesmo diz ter sido “crucificado com Cristo” (Gl 2,19c) e carregar em seu corpo “as marcas de Jesus” (Gl 6,17b), tamanha sua identificação com o Mestre e Senhor.

A ação de Cristo subverte a cultura da época, desafia modelos, padrões e estruturas desumanizantes e assinala um caminho centrado no amor sacrificial do Deus que se humilha em favor da criação. Desta forma, Paulo, no exemplo de Jesus, deixa claro aos filipenses como a humildade, e não a arrogância, deve permear toda a vida da Igreja através de um amor recíproco; e ela não deve ser vista como uma *autodepreciação*, mas sim como uma atitude fundamentalmente arraigada no amor demonstrado pelo próprio Cristo na encarnação (HAWTHORNE; MARTIN, 2015), como total identificação com o Cristo, aquele que, e tão somente ele, é capaz de fazer o pecador se tornar “uma nova criatura” (Gl 6,15).

f) *A obediência a Deus acima de todas as coisas* – “γενόμενος ὑπήκοος μέχρι θανάτου, θανάτου δὲ σταυροῦ/tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz” (v.8b). É possível observar pelo menos três mensagens contidas nesta segunda parte do v.8. A humilhação de Cristo não se limitou apenas ao esvaziamento e ao ato encarnacional, ela também se estendeu à plena obediência (HAWTHORNE; MARTIN, 2015). Deus, em Cristo, aceitou o papel de escravo obediente. Deus Filho se submete à vontade de Deus Pai. Porém, Hawthorne e Martin (2015) reforçam que além da obediência a Deus, Cristo também se submeteu aos desejos dos seres humanos. Isso pode ser averiguado no diálogo com Pilatos, quando este

diz a Jesus: "Não me respondes? Não sabes que eu tenho poder para te libertar e poder para te crucificar? Respondeu-lhe Jesus: Não terias poder algum sobre mim, se não te fosse dado do alto" (Jo 19,10b-11a). Cristo não foi obediente apenas ao Pai, mas também a toda a estrutura construída pelos seres humanos. Sua compreensão é que Pilatos não tem esse poder por acaso, *ex nihilo*, mas o tem porque esta é a vontade do Pai a fim de que se faça jus ao plano da salvação concebido antes mesmo da fundação do mundo (Ap 13,8). Aqui está a primeira mensagem aos filipenses, do v.8, mas já indicado no v.5b: " /em Cristo", Deus está obedecendo ao próprio plano Trinitário ao não desobedecer às decisões das autoridades. "A aceitação da morte por Cristo, portanto, foi seu último sim a Deus e à humanidade, seu último ato de obediência a Deus em seu serviço abnegado às pessoas" (HAWTHORNE; MARTIN, 2015, s.p.). Em outras palavras, na obediência, Jesus serviu tanto ao Pai quanto à humanidade (HAWTHORNE; MARTIN, 2015). Assim, o cristão, da mesma forma que Jesus, deve se submeter às autoridades constituintes a fim de que sua vida seja um exemplo para os outros (Rm 13,1-7).

Entretanto, aos cristãos também é outorgado o "direito à desobediência" quando os poderes deste mundo apregoarem contra a mensagem e a pregação do Evangelho (At 4,1-31). A "desobediência", neste caso, deve ser a tônica comportamental dos seguidores de Jesus, ainda que isso lhes custe a vida. A ênfase de que a obediência de Jesus a Deus levou-o à morte é o segundo ponto importante no v.8b, pois destaca o seu comprometimento com o Pai e com o plano da redenção: o limite da obediência é "até a morte e morte de cruz" (FEE, 2004, p. 284-285). "A morte de Jesus Cristo é o lugar onde Deus apresenta a prova da graça de sua justiça, o lugar exato onde a justiça de Deus passará a habitar. Quem participasse dessa morte teria também parte na justiça de Deus" (BONHOEFFER, 2016, p. 225). Paulo, desta forma, insta os filipenses a perseverarem até o fim no caminho da obediência ao Evangelho, ainda que este os leve a perseguições, insultos e até mesmo à morte. Além disso, as lu-

tas e sofrimentos costumam ser entendidos por Paulo como ferramentas importantes no processo de santificação dos cristãos (Rm 8; 2Cor 11-12) e estão em conformidade com os ensinamentos de Cristo Jesus (Mt 5,10-12; Jo 15,20). Por causa do Evangelho, os participantes do Reino de Deus enxergam na morte de Jesus uma potência existencial para alicerçar sua própria santificação diária, como realça Silva: "Certamente, tanto para Paulo quanto para seus leitores, a morte de Cristo não foi apenas um exemplo de total obediência e humilhação, mas também a própria base sobre a qual a santificação do crente (*sōtēria*, v.12) poderia tornar-se uma realidade" (SILVA, M., 2005). Assim como os filipenses o foram, somos desafiados pelo texto sagrado a uma obediência absoluta a Deus, a uma vida diária em prol da santificação e a não desistir do Evangelho mesmo em meio às aflições que se abatem sobre nós.

Por fim, a terceira mensagem do v.8b pode ser encontrada na intencional ênfase paulina no tipo de morte de Jesus: foi uma morte de cruz. O Império Romano tinha por hábito sentenciar criminosos e pessoas que causavam confusões graves à crucificação, a fim de demonstrar publicamente como eram graves os crimes de sedição e desvio de conduta (BIRD; GUPTA, 2020). Uma estimativa conservadora situa em cerca de 30.000 o número de pessoas crucificadas pelo Império (COOK, 2013). O ritual da crucificação criava um estigma social e individual. No primeiro, todos aqueles que estavam associados ao crucificado eram envergonhados publicamente; no segundo, o indivíduo crucificado era degradado e humilhado na esfera pública (HELLERMAN, 2015). Assim, ao enfatizar como Jesus morreu, o apóstolo dos gentios faz questão de demonstrar o último grau da humilhação que o Filho de Deus passou. É aqui que encontramos o que Fee (2004, p. 285-286) chama de "coração da teologia paulina":

Este é o coração da teologia paulina, tanto de sua visão de Deus como sua compreensão do que Deus fez e está fazendo em nosso mundo caído. Na cruz vemos Aquele que, sendo "igual a Deus", revelou plenamente a verdade sobre Deus: que Deus é amor e que o seu amor se expressa, entregando-se a uma morte cruel e humilhante por aqueles que ama. Fraqueza

divina (morte nas mãos de suas criaturas, seus inimigos) é um escândalo (a cruz foi reservada a escravos e insurgentes).

Deus não apenas se esvazia e se torna homem, ele se submete a uma humilhação social degradante. Por amor à criação, ele foi encontrado em estado de escárnio público, durante todo o seu julgamento, sua *via crucis*, sua crucifixão e morte de cruz. Foi colocado em pé de igualdade a malfeitores e criminosos de sua época. "Nenhuma experiência foi mais repugnantemente degradante" (O'BRIEN, 1991, s.p.).

Com isso, Paulo está deixando claro aos filipenses que eles jamais devem se envergonhar do Evangelho de Cristo, uma vez que a vergonha pública não impediu Jesus de cumprir sua missão na terra: salvar a humanidade. Nada o deteve: nem flagelos (Jo 19,1), nem escárnio (Lc 23,36) e nem a morte de cruz (Jo 19,30: "τετέλεσται, καὶ κλίνας τὴν κεφαλὴν παρέδωκεν τὸ πνεῦμα/Está consumado! E, inclinando a cabeça, entregou o espírito"). A missão dada pelo Pai foi cumprida. Da mesma forma, os cristãos não devem esquecer sua missão e nem temer a vergonha pública. Deve-se dizer como "apóstolo e doutor das nações" (Rm 11,13; 1Tm 2,7): "Οὐ γὰρ ἐπίσχυνομαὶ τὸ εὐαγγέλιον, δύναμις γὰρ θεοῦ ἐστὶν εἰς σωτηρίαν παντὶ τῷ πιστεύοντι/não me envergonho do Evangelho: ele é força de Deus para a salvação de todo aquele que cre" (Rm 1,16).

Em tudo isso, somos instados a construir uma apologética através da *imitatio Christi*; uma apologética existencial na qual há um modo de pensar altruísta e marcado pela autodoação voluntária; em que o conceito de "agência dupla" está latente em nós, temos uma cidadania celeste que tem primazia sobre a terrena. Entretanto, no afã de viver a "imitação jesuana", não se pode esquecer, como ele mesmo não o fez, que somos seres humanos e isso não é um problema – nosso corpo, sentimentos e sensações possuem valor para Deus. Por último, a melhor defesa do Evangelho está no ato de permanecer acima de tudo obediente a Deus, ainda que em certos momentos isso gere humilhação pública e até mesmo morte. O testemunho e a abertura ao diálogo são justo caminho para uma verdadeira apologética. É quando a Igreja de

Cristo realmente personifica sua presença na terra com um modo de pensar semelhante ao dele, na diaconia aos irmãos que se encontram nas várias "situações periféricas" da vida.

Considerações finais

Se queremos impactar positivamente as pessoas cristãs e não cristãs, é da ordem do dia mudarmos nossa maneira de anunciar o Evangelho. A abordagem racionalista teve sua validade e trouxe resultados no passado, entretanto ela parece estar longe da proposta holística exposta na vida, morte e ressurreição de Cristo.

Este trabalho procurou apresentar pontos importantes para a construção de uma apologética existencial: não se trata de olhar o próximo como meu adversário e vencê-lo com um argumento, mas sim agir neste mundo, enquanto ser-não-mundo, como um ator que interpreta a mesma disposição que houve em Jesus, vive seu segmento ao Cristo, no amor a Deus e ao próximo (Gl 5,14), na construção do bem comum e na prática do bem, de forma incansável (Gl 6,9), não descuidando dos pobres, como pediu a Igreja Primitiva a Paulo (Gl 2,10: "μ π μμ, π π/ apenas que nos lembrássemos dos pobres, o que também me esforcei por fazer") (GONZAGA, 2014).

Através da incorporação dos elementos apresentados nos vv.5-8, os cristãos poderão deixar a via principal da apologética arvorada no convencimento e caminharem pela estrada da disposição vivencial no mundo, unindo *ortodoxia* e *ortopraxia*. Jesus não estava preocupado em vencer debates e em convencer ninguém: seu agir estava em sintonia e em função da vontade do Pai, em linha de diálogo e sempre fazendo o bem, de forma compassiva (BELEM; GONZAGA, 2021; GONZAGA, 2016), em consonância com as entranhas viscerais de misericórdia do Pai (ALMEIDA FILHO; GONZAGA, 2020b). Ele estava compenetrado em testemunhar o amor de Deus e em se manter focado na obra que o Pai havia lhe dado. Os cristãos precisam pensar apologética em concomitância com o mestre. O modo como vivemos, agimos e pensamos, ou seja, o modo como existimos dentro do espaço-tempo

defenderá muito mais a causa do Evangelho do que qualquer outra coisa, se estivermos em prol do bem e da causa comum.

Como uma via alternativa à apologética racionalista, entendemos que o "convencimento" não é feito apenas pela via cognitiva, mas ocorre muito mais pela disposição experiencial e pessoal. Ou seja, a apologética encarnacional é muito mais profunda e holística, uma vez que seu objetivo é provocar no não cristão o desejo de ser como Cristo. O não cristão não apenas é convencido de que Jesus é o Senhor mas também passa a almejar ser como Ele é. Cristo torna-se o modelo, o alvo, o único ser que traz sentido à própria noção de existência no mundo. Entretanto, uma pergunta final para essa questão talvez seja oportuna: apenas agindo no mundo iremos fazer o não cristão se converter? Ora, nossa função é testemunhar Cristo (Lc 24,48). Essa é a verdadeira apologética cristocêntrica. Ademais, precisamos sempre lembrar que a conversão não é feita pelo cristão, mas sim pelo Espírito Santo de Deus (Jo 16,7-8).

Mais do que nunca o cristão, como integrante da Igreja (corpo de Cristo), deve ser aquele que consegue, através da sua vida, expor ao mundo as palavras do seu mestre:

Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas, pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve (Mt 11,28-30).

Referências

- AGOSTINHO. *Confissões*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ALAND, Barbara; ALAND, Kurt. *O Texto do Novo Testamento*. São Paulo: SBB, 2013.
- ALAND, Kurt; NESTLE, Eberhard. *Novum Testamentum Graece*. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- ALMEIDA FILHO, Victor Silva; GONZAGA, Waldecir. Misericórdia: uma expressão do amor entranhado de Deus – Uma leitura linguística e teológica de Lc 7,11-17. *Pesquisas em Teologia*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 285-312, 2020b.
- ALMEIDA FILHO, Victor Silva; GONZAGA, Waldecir. O uso do Antigo Testamento na Carta de Paulo aos Filipenses. *Cuestiones Teológicas*, Medellín, v. 47, n. 108, p. 1-18, 2020a.
- BELEM, Doaldo Ferreira; GONZAGA, Waldecir. A Vida segundo o Cristo compassivo e misericordioso. *Estudos Bíblicos*, São Paulo, v. 37, n. 143, p. 127-143, 2021.
- BIOLA UNIVERSITY. *Does God Exist? William Lane Craig vs. Christopher Hitchens: Full Debate* [HD]. La Mirada: Biola University, 4 abr. 2009. 1 vídeo (2 h 27 min 42 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=otYm41hb48o>. Acesso em: 20 abr. 2023.
- BIRD, Michael F.; GUPTA, Nijay. *Philippians*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.
- BLOMBERG, Craig L. *Introdução de Atos a Apocalipse*. São Paulo: Vida Nova, 2019.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.
- BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- BURGE, Ryan P. Growth and Decline in American Religion over the Last Decade. *Religion in Public*, [S.l.], 2019. Disponível em: <https://religioninpublic.blog/2019/07/09/growth-and-decline-in-american-religion-over-the-last-decade/>. Acesso em: 20 abr. 2023.
- CARSON, Donald Arthur; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- COLLINS, Francis S. *The Language of God: A Scientist Presents Evidence for Belief*. New York: Free Press, 2006.
- COLLINS, Francis S.; GIBERSON, Karl W. *The Language of Science and Faith: Straight Answers to Genuine Questions*. Wesmont: IVP Books, 2011.
- COOK, John Granger. Roman Crucifixions: From the Second Punic War to Constantine. *Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft*, Berlin, v. 104, p. 1-32, 2013.
- CRAIG, William Lane. *Apologética contemporânea*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2012.
- DENZINGER, Heinrich; HUNERMANN, Peter. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- DUNN, James D. G. *The Epistles to the Colossians and to Philemon*. Grand Rapids: Eerdmans, 1996.
- FEE, Gordon. *Comentario de la Epistola a los Filipenses*. Barcelona: Clie, 2004.
- FEE, Gordon. Philippians 2:5-11: Hymn or Exalted Pauline Prose? *Bulletin for Biblical Research*, Overland Park, v. 2, n. 1, p. 29-46, 1992.
- FOWL, Stephen E. *The story of Christ in the ethics of Paul: an analysis of the function of the hymnic material in the Pauline Corpus*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1990.

- GONZAGA, Waldecir. A Sagrada Escritura, a Alma da Sagrada Teologia. In: FERNANDES, Leonardo Agostini; LIMA, Maria de Lourdes Corrêa; MAZZAROLLO, Isidoro. *Exegese, Teologia e Pastoral: Relações, Tensões e Desafios*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2015. p. 201-235.
- GONZAGA, Waldecir. "Nascido de Mulher" (Gl 4,4). *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 17, n. 53, p. 1194-1216, 2019.
- GONZAGA, Waldecir. O Corpus Paulinum no Cânon do Novo Testamento. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 55, p. 19-41, 2017.
- GONZAGA, Waldecir. Os pobres como "Critério-Chave de autenticidade" Eclesial (EG 195). In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini. *Evangelii Gaudium em Questão*. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 75-95.
- GONZAGA, Waldecir. Um Cristo compassivo e misericordioso (Lc 15,11-32). In: FERNANDES, Leonardo Agostini (org.). *Traços da Misericórdia de Deus segundo Lucas*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016. p. 92-112.
- GUPTA, Nijay. To Whom Was Christ a Slave (Phil 2:7)? Double Agency and the Specters of Sin and Death in Philippians. *Horizons in Biblical Theology*, Newberg, v. 32, n. 1, p. 1-16, 2010.
- HANHART, Robert; RAHLFS, Alfred (ed.). *Septuaginta: Editio Altera*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.
- HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P. *Philippians: Word Biblical Commentary 43*. Grand Rapids: Zondervan Academic, 2015.
- HELLERMAN, Joseph H. *Philippians: Exegetical Guide to the Greek New Testament*. Nashville: B&H, 2015.
- HOLLOWAY, Paul A. *Philippians: The Hermeneia Commentary*. Minneapolis: Fortress, 2017.
- HURTADO, Larry. *Senhor Jesus Cristo*. São Paulo: Paulus, 2012.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2010. *IBGE*, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/downloads-estatisticas.html>. Acesso em: 20 abr. 2023.
- KASEMANN, Ernst. A Critical Analysis of Philippians 2:5-11. In: BRAUN, Herbert et al. (ed.). *God and Christ: Existence and Province*. New York: Harper & Row, 1968. p. 45-88.
- KELLUM, L. Scott; KÖSTENBERGER, Andreas J.; QUARLES, Charles L. *Introdução ao Novo Testamento: a manjedoura, a cruz e a coroa*. São Paulo: Vida Nova, 2022.
- KEOWN, Mark J. *Discovering the New Testament: An Introduction to Its Background, Theology, and Themes*. Bellingham: Lexham Press, 2021. v. 2.
- LENNOX, John. *A ciência pode mesmo explicar tudo?* São Paulo: Vida Nova, 2021.
- LENNOX, John. *Por que a ciência não consegue enterrar Deus?* São Paulo: Mundo Cristão, 2016.
- MCGRATH, Alister. *Ciência e religião: fundamentos para o diálogo*. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2020.
- MCGRATH, Alister. *Deus e Darwin*. Viçosa: Ultimato, 2016.
- MCGRATH, Alister. *Heresias*. São Paulo: Hagnos, 2014.
- MCGRATH, Alister. *O ajuste fino do universo*. Viçosa: Ultimato, 2017.
- O'BRIEN, Peter T. *The Epistle to the Philippians: The New International Greek Commentary*. Grand Rapids: Eerdmans, 1991.
- OMANSON, Roger. *Variantes textuais do Novo Testamento*. São Paulo: Sociedade Bíblia do Brasil, 2011.
- PAROSCHI, Wilson. *Origem e transmissão do texto do Novo Testamento*. São Paulo: Sociedade Bíblica da Brasil, 2014.
- PLANTINGA, Alvin. *Conhecimento e crença cristã*. Brasília: Monergismo, 2017.
- PLANTINGA, Alvin. *Crença cristã avalizada*. São Paulo: Vida Nova, 2018.
- RODRIGUEZ, Marcelo Merino. *Galatas, Efesios, Filipenses: La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patristica - Nuevo Testamento 8*. Madrid: Ciudad Nueva, 2001.
- SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia da exegese bíblica: versão 2.0*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2022.
- SILVA, Moisés. *Philippians*. Ada: Baker Academic, 2005.
- SILVA, Moisés. Filipenses. In: BEALE, Gregory K.; CARSON, Donald Arthur (org.). *Comentário do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 1034-1038.
- STRIMPLE, Robert B. Philippians 2:5-11 in recent studies: Some exegetical conclusions. *Westminster Theological Journal*, Glenside, v. 41, n. 2, p. 247-268, 1979.
- UNIVERSITY OF NOTRE DAME. *The God Debate II: Harris vs. Craig*. 1 vídeo (2 h 6 min 54 s). Notre Dame: University of Notre Dame, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yqaHXKLRKzg>. Acesso em: 20 abr. 2023.

Waldecir Gonzaga

Diretor e professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Criador e líder do Grupo de Estudos Análise Retórica Bíblica Semítica, credenciado junto ao CNPq. Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Itália. Pós-doutorado pela FAJE.

Marcelo Dantas da Silva Júnior

Doutorando em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo, Brasil.

Endereço para correspondência

Waldecir Gonzaga
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Departamento de Teologia
Rua Marquês de São Vicente, 225
Gávea
Rio de Janeiro, RJ, Brasil
22451-900

Marcelo Dantas da Silva Júnior
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Rua Amadeo Rossi, 467
Morro do Espelho
São Leopoldo, RS, Brasil
93030-220

*Os textos deste artigo foram revisados
pela Texto Certo Assessoria Linguística
e submetidos para validação dos autores
antes da publicação.*